

*A Representação do Insólito
Contemporâneo no Romance
As Montanhas da Lua de
Samuel Duarte*

*A Representation of Unusual
Contemporary Romance in The
Mountains of the Moon of
Samuel Duarte*

Ester Abreu **VIEIRA DE OLIVEIRA**

Doutora em Letras
Neolatinas UFRJ; Pós-doutora
em Teatro Contemporâneo,
UNED, Madri; membro do
PPGL/ UFES (mestrado e
doutorado) e de algumas
instituições culturais.

esteroli@terra.com.br

[http://lattes.cnpq.
br/3293718089972581](http://lattes.cnpq.br/3293718089972581)

Resumo

Considera-se insólita a manifestação da consciência e de um desejo racionalmente injustificável. Tzvetan Todorov (1975) distingue o fantástico como uma perplexidade diante de um fato inacreditável, uma hesitação, entre uma racional e realista explicação e o término da situação sobrenatural. Segundo Bessière¹ (1974), o fantástico não contradiz as leis do realismo literário, mas mostra que as leis tornam as manifestações fantásticas irrealistas quando a atualidade é tida por totalmente problemática. Com base nesses teóricos, analisamos o insólito na obra de Samuel Duarte que, em *As Montanhas da Lua* (1982), engendra o personagem Ariel, que procura descobrir um enigma de sua existência.

Palavras-chave: Representação. Insólito. Romance. Montanhas da Lua.

Abstract

It is considered uncommon the manifestation of conscience and of a desire that is not rationally justifiable. Tzvetan Todorov (1975) considers fantastic a perplexity before an unbelievable fact, a hesitation between a rational and realistic explanation, and the end of a supernatural situation. According to Bessière (1974), the fantastic does not contradicts the laws of the literary realism, but shows that those laws make them unrealistic when actuality is considered totally problematic. Based on these theorists, we analyze the uncommon in the work of Samuel Duarte who, in *As Montanhas da Lua* (*The Mountains of the Moon*) (1982), engenders the character Ariel, who and who tries to find the enigma of his own existence.

Keywords: Representation; Uncommon; Novel; Mountains of the Moon

1 | As traduções dos textos originalmente em língua francesa são de responsabilidade da autora do artigo.

Voltar ao passado, para mim, significava voltar a ser o que eu fora, modificar o meu 'vir-a-ser', ter uma segunda oportunidade na opereta da vida.

DUARTE, 2004, vol. 2, p. 140.

O Tempo, essa entidade abstrata, invisível, mas, nem por isso, inexistente, que nos empurra inexoravelmente para a frente, no meu particularíssimo caso abriu uma exceção e me permitiu palmilhá-lo ao contrário.

DUARTE, S., As Montanhas da Lua, vol. 1, p. 21.

O tempo — mas esse tempo que é ele próprio [o homem] — afasta-o tanta da manhã donde ele emergiu como daquela que lhe é anunciada.

FOUCAULT, M., As palavras e as coisas, p. 373.

Considera-se insólito o inabitual, o incomum, o extraordinário, ou seja, a manifestação da consciência de um desejo racionalmente injustificável. O homem, por meio da arte, procurando dar sentido ao mundo, à vida, resgata a realidade e a transforma; cria novos valores, com base em significados comuns e codificados. O narrador narra o possível, o que poderia ter acontecido, de acordo com a verossimilhança e, já nos conselhos de Aristóteles na *Arte poética* (1998, cap. 25), o narrado pode ser acrescido do maravilhoso (narrativa não tética), porque este agrada e é “preferível escolher o impossível verossímil ao possível incrível”.

Como a literatura é recriada a partir da própria literatura, o texto literário manifesta propriedades comuns ao conjunto dos textos literários. O insólito, como elemento da literatura, corrobora essa assertiva, já que se encontram suas marcas na Antiguidade Clássica, como na *Odisseia*, nas aventuras maravilhosas da viagem de Ulisses, contadas por Homero, ainda que essas não fossem entendidas como acontecimento extraordinário, por aproximar-se de situações criadas pelo imaginário de então.

Na Idade Média, pode-se citar, como exemplo do maravilhoso, na obra *O Conde Lucanor* (escrita entre 1330 e 1335 por Don Juan Manuel), o episódio em que o Mago de Toledo,

don Illán, um sábio bruxo, produz uma projeção do tempo, para convencer o deão de Santiago que a ambição, em almas pouco generosas, não traz benefícios.

O século XVII tem na narrativa de Cervantes, *Don Quijote de La Mancha*, um exemplo da presença do insólito, na aventura, narrada na segunda parte dessa obra, nos capítulos 22 e 23, em que o herói desce à caverna de Montesinos onde se encontra com personagens e situações de novelas de cavalaria, disseminando a dúvida entre os outros personagens, que não conseguiam decidir se era realidade ou fantasia o que lhes estava sendo narrado. Também remete-se à obra gótica do polonês Jan Potocki, *O Manuscrito de Saragoça* (1812), em que se conhece a história de dois enforcados que morriam e ressuscitavam. Nesse caminho, encontra-se a ficção contemporânea, porque, citando Borges (1984, p. 98), diremos que: “[...] la historia humana se repite; nada hay ahora que no fue; lo que ha sido será [...]”

Assim, muitas narrativas contemporâneas – repetindo o que, no passado, se fez e transformando de uma forma peculiar a técnica até então usada – tendem à criação de um mundo mágico e simbólico e à inclusão de acontecimentos estranhos, regidos por uma maneira coerente e pela necessidade de ocultar, muitas vezes, ideias político/sociais contrárias a um determinado regime.

Podem ser encontrados nas narrativas, de Cortázar, Rulfo, Borges e García Márquez, relatos impregnados dessa técnica ficcional. Neles, a realidade ficcional, cobrindo-se de contornos fantásticos, organiza-se num jogo entre o verossímil e o inverossímil, obedientes a um plano estético, sem limites separativos para apresentar o real (o tético) e o irreal (o não tético), o lógico e o ilógico, pois o texto é a realidade em sua totalidade. Ele é um espelho no qual se projetam o real e o irreal. Nesse jogo ambíguo, o mundo narrado, que se torna mágico, fantástico, maravilhoso, constituído do símbolo e do mito, leva a mundos estranhos e a acontecimentos irrealis.

São, de certa forma, essas as explicações que o autor de *As Montanhas da Lua* dá **AO LEITOR** nas primeiras páginas de abertura da obra para justificar a inclusão de fatos históricos e imaginativos.

Grande parte dos acontecimentos relatados em As Montanhas da Lua é fato histórico e pertence ao domínio público. No entanto, foram introduzidas neles algumas modificações com a finalidade de se criar uma obra de ficção. O leitor perspicaz conseguirá identificá-las facilmente.

(DUARTÊ, 2004, vol. 1, p. 5.)

Nessa explicação, o autor direciona o leitor para uma obra ficcional de fantasia criativa para que aceite as coisas do mundo mostradas diferentemente do que se apresentam no que se chama “realidade”.

Autor e Obra

Samuel Duarte, em suas palavras ao leitor, esclarece que “[...] todos os personagens de *As Montanhas da Lua* são frutos exclusivos de sua imaginação. As exceções ficam, naturalmente, com as figuras históricas do período focalizado [...]” (DUARTE, 2014, vol. I, p. 5). Nessa obra, ele desenvolve a história de uma família portuguesa, os Ignez; narra situações históricas e mágicas vividas por essa família, num lugarejo do norte de Portugal; aponta as perseguições por sua origem judaica e a necessidade de ocultarem seus ritos; e descreve a forma de sua emigração para o Espírito Santo, no século XIX. Essa narrativa, entre a história e a ficção, em um tempo fantástico que retrocede e antecipa, vai desenvolvendo de geração a geração, quatrocentos anos de história, o que lembra, na reconstrução temporal de Ariel e seus familiares, a saga dos Buendías de *Cem anos de solidão*, de García Márquez. Isso posto, ilustra-se o dito sobre o tempo com um fragmento de inquietações desse personagem:

Em que pese a eles (Agostinho e Kant) provar que o passado e o futuro careciam de existência, dessa “existência” que é atributo exclusivo do “hoje”, eu acreditava, que o passado tinha existência; quanto ao futuro, concordava com eles. Passei então a me refugiar no passado, a não mais tomar conhecimento do presente do futuro. Meu tempo interior, apesar de acelerado, era o único que me interessava. [...] No meu enorme acervo de ‘vivências’, eu só evocava as primeiras. E delas apenas aquelas vividas em um determinado lugar e espaço. Elas estavam tão associadas a ele que comecei a achar que poderia revivê-las se voltasse àquele ‘espaço’. Voltar ao passado, para mim, significava voltar a ser o que eu fora, modificar o meu ‘vir-a-ser’, ter uma segunda oportunidade na opereta da vida. Pois o tempo me alquebrara o corpo, atenuara meus ímpetos e aniquilara minhas ilusões mais caras. Desejaria, como Yeats², cuspir na cara daquele Tempo que me arrebatara tudo, até a fé em mim mesmo. E me vi só ante o nada. Perdera a capacidade de me comunicar com o próximo, de planejar futuros. Só vivia para minhas reminiscências e elas eram cada vez mais obsessivas. [...].
(DUARTE, 2004, vol. 2, p. 140)

O tempo ciclo é o núcleo básico do mito que se afirma no simulacro, como se fosse o sonho projetado. O herói mítico não deixa de ser a personalização dos desejos coletivos. No pensamento de Foucault (1988, p. 368), o homem está ligado a uma historicidade estabelecida e nunca é contemporâneo desse tempo. Só observando essa ligação descobre-se, ou seja, o homem “só descobre o seu próprio início e sobre o pano de fundo de uma vida que, por seu turno, teve início muito antes dele”.

As Montanhas da Lua é de autoria do escritor capixaba Samuel Machado Duarte, nascido em Atílio Vivácqua (ES), em 1934. Cirurgião dentista aposentado, poeta, cronista,

2 | William Butler Yeats, (Dublin, 13/6/1865 — Menton, França, 28/01/1939), poeta, dramaturgo e místico irlandês, recebeu o Prêmio Nobel em 1923. Suas obras iniciais eram caracterizadas por tendência romântica exuberante e depois seu estilo torna-se mais austero e moderno. A poesia de Yeats a que o narrador se refere é “As lamentações de um velho pensionista” – Embora me abrigue da chuva/ Sob uma árvore quebrada,/ A minha cadeira era a mais próxima do fogo/ Onde se falasse de amor ou política,/ Antes de o Tempo me ter transfigurado.// Embora os jovens ergam de novo barricadas/ Para uma conspiração/ E desvairados tratantes gritem a sua vontade/ Contra a humana tirania,/ As minhas meditações pertencem ao Tempo/Que me tem transfigurado.// Não há mulher que volte o rosto/ Para uma árvore quebrada/ E, todavia, as belezas que ameí/ Conservo-as na minha memória;/ **Cuspo no rosto do Tempo/Que me tem transfigurado.**

contista e romancista, é Samuel o 4º ocupante da Cadeira nº 05 na Academia Espírito-santense de Letras, cujo patrono é Amâncio Pinto Pereira. É membro efetivo da Academia Cachoeirense de Letras, da Ordem Nacional dos Escritores e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Entre as suas obras, estão os romances *Ilha do Fim do Mar* (1966); *As Duas Faces de Eros* (2001), *Montanhas da Lua* (2004); e *O Almirante Batavo* (no prelo para lançamento em 2014), esta obra junto com *Ilha do Fim do Mar* e *As duas Faces de Eros*, faz parte da trilogia “*Um Homem/ Uma mulher*”. Escreveu, ainda, o livro de poemas *O Sino Submerso* (1988) e *Eu Pescador*; o livro de contos *Taperas & Coivaras*, (2010); o de crônicas, *Amor de minha Terra* (inédito) e a obra histórico-etimológica; *O Incalistrado – Topônimos Capixabas de origem Tupi* (2008); e a novela *Alma de Mestre* (2014).

Samuel Duarte engendra nos 60 capítulos, distribuídos em dois volumes, de *As Montanhas da Lua*, o personagem Ariel, idealista, imaginativo, íntegro, corajoso, grande leitor, que procura descobrir o enigma de sua existência, traço que caracteriza, segundo Foucault (1988, p. 367), “o modo de ser do homem e a reflexão que a ele se dirige”. Nessa busca, o personagem vai captar a sua história ancestral ao mesmo tempo em que amplia, mediante o enigma do tempo, a história da humanidade, do Brasil e, principalmente, do sul do Estado do Espírito Santo.

O ambiente rural de São Filipe³, na época do relato, serve de espaço para que o autor apresente o aspecto insólito da narrativa. Vila onde passava o trem da Leopoldina e, segundo o narrador, “Era uma pérola em fase de crescimento, engastada no colar de trilhos que, em boa hora, acabavam de cortar o sul do Espírito Santo” (DUARTE, 2004, vol. I, p. 265).

Nesse São Felipe, do fim do século XIX,

[...] outros lugarejos ganhavam vida nova com a passagem da estrada de ferro. Muqui, Mimoso do sul, Dona América e Ponte de Itabaioana viram suas terras férteis e pouco valorizadas se transformarem em verdadeiras meças para homens cuja visão só era superada pela ambição. E eles foram chegando aos magotes, com suas famílias e suas ferramentas, e cobriram toda a região com suas roças e suas criações.

São Felipe, fundada no meado do Segundo Reinado por um certo Felipe José Leal, apesar de distar poucas léguas de Cachoeiro, ainda não fora contagiado pelo progresso febril do vizinho. As estradas que uniam os dois burgos eram péssimas. Não passavam de trilhas estreitas, serpenteando entre montanhas, vencidas a custo pelas tropas e seus almocreves [...] (DUARTE, 2004, vol. 2, p. 140)

A obra inicia com um fato que teria ocorrido na história das navegações, em 1481, quando o sefardi, matemático, astrônomo e geógrafo italiano, Paolo dal Pozzo Toscanelli, um ano antes de sua morte, escreve a Cristóvão Colombo, uma orientação para atingir o Extremo Oriente. Nessa carta, aconselha-o a viajar para ocidente a partir da costa atlântica europeia.

3 | O lugar passou a chamar-se, mais tarde, Marapé, distrito de Cachoeiro de Itapemirim (ES). A partir de 1963, esse distrito foi emancipado com o nome de Atílio Vivácqua e lugar do nascimento de Samuel Duarte.

A narrativa prossegue em uma noite de tempestade quando Ariel, ancião, “sentado à porta da cabocla Delaura”, reflete sobre as suas aventuras, reconhecendo que todo o entusiasmo que punha em seus empreendimentos “tocava as raias da loucura”. Repensando o seu passado – “[...] poucas pessoas viveram uma vida tão intensa como a minha” (DUARTE, 2004, vol. I, p. 18) – como uma forma de dilatar, à maneira proustiana, os momentos válidos do presente em função da memória, espera o temporal que se está formando com “certa impaciência, porque [sabe] que, com a sua chegada, [irá] embora” (*Idem*). Nessa parte se fundem presente e futuro, pois essa situação voltará a ocorrer momentos antes de esse personagem desaparecer, em uma noite de tempestade, no final do segundo volume.

Ariel é uma reencarnação de vários judeus sefardis. Viveu 60 anos, mas suas aventuras ultrapassaram o seu tempo de vida e, num ir e vir de épocas, ele poderia dizer, como o personagem de Jorge Luis Borges, em *História de la eternidad* (1984, p. 97-98): “yo suelo regresar eternamente al Eterno Regreso” ou explicar, como o narrador desse conto, “[...] al cabo de cada año platónico renacerán los mismos individuos y cumplirán el mismo destino [...]” (*Idem*).

Em cada capítulo de *As Montanhas da Lua* há uma surpresa, um avançar e um retroceder no tempo e no espaço de Ariel, cujo nome decorre de uma leitura de sua mãe da obra *A Tempestade* de Shakespeare:

[...] minha mãe me pôs o nome de Ariel. Não que houvesse algum judeu entre nossos ancestrais. É que ela estivera lendo, nos dias que antecederam o meu aparecimento, os Contos de Shakespeare, dos irmãos Lamb, e ficara tão encantada com o duendezinho de a tempestade que acabara colocando seu nome em mim.
(DUARTE, 2004, vol. I, p. 19)

Ariel discorrerá sobre o tempo, unindo-o ao espaço:

[...] O Tempo, essa entidade abstrata, invisível, mas, nem por isto, inexistente, que nos empurra inexoravelmente para frente, no meu particularíssimo caso abriu uma exceção e me permitiu palmilhá-lo ao contrário. Por quê? Não o sei; se foi para o meu bem ou para o meu mal, tampouco. Sempre podemos, a nosso alvitre, caminhar para a frente e para trás no Espaço, essa outra entidade à qual o Tempo está intimamente ligado. O local onde estivemos ontem e do qual nos afastamos estará sempre à nossa disposição. Basta desandar os passos e ele nos aparecerá novamente, com sua paisagem conhecida, com as recordações do que ali vivemos. Sempre achei que com o Tempo se passasse o mesmo que o ‘ontem’ estivesse sempre à nossa disposição,

caso soubéssemos remontar a caudal do calendário. Por que deveria ser diferente do Espaço? Por que haveria de levar-nos sempre para adiante, sem a mínima possibilidade de retorno [...]

(DUARTÊ, 2004, vol. 1 p. 21-22)

Num tempo circular, em que a origem não tem começo e tudo pode iniciar, Samuel Duarte coloca o passado no presente; rompe com as regras da temporalidade tradicional do relato e adapta o tema tratado a outros enfoques da realidade. O desejo de o escritor reviver uma época pretérita e de mostrar a raiz familiar de Ariel é uma maneira de participar daquela época e, até, de modificar certos elementos do passado a fim de transformar o presente, evitando com isso a negação da realidade pelo leitor.

Assim, em um tempo e espaço diversos, o escritor cria o narrador Ariel, que tem atitudes quixotescas; reflete sobre a condição humana; descreve a paisagem e a conduta social de cada período por que passa o seu personagem em sua trajetória. Como *Orlando* de Virgínia Wolf, Ariel conjuga diferentes épocas e tempo durante o relato. Não fica detendo o tempo como os personagens de *Esperando Godot*, de Brecket, mas toma consciência dele e age em cada projeção temporal.

O Fantástico em *As Montanhas da Lua*

Para Louis Vax (1963), difícil é diferenciar o fantástico. Tzvetan Todorov (1975) distingue, como fantástico, uma perplexidade diante de um fato inacreditável, uma hesitação, entre uma racional e realista explicação e o término da situação sobrenatural. Em *As Montanhas da Lua* há situações embaraçosas para os personagens como a explicação que Libênio dá a Ariel, como comandante, perseguido pela polícia:

– Em algum lugar dessa fazenda voscemeccê deve ter ‘brotado’. Porque aqui, perdoa a má palavra desse negro bronco, é uma espécie de cu do mundo. Por aqui já brotou o Pedro Vermelho, costuma brotar uma tal mulher que uns vêem e outros não, e o mesmo deve ter se passado com vossa excelência. Brotou, pronto, pra mim não carece de mais explicações. Que eu tenho pra mim que o capitão há de retornar a esse dito lugar donde ‘brotou’ e ali aguardar, com fé em Deus, o que o Destino lhe mandar. Que a porta da saída é a mesma da entrada. (DUARTÊ, 2004, vol. 2, p. 140)

É certo que o real, grosso modo, é concebido como possível, como aceitável, e a trama do texto em *As Montanhas da Lua* é real, mas se trata de uma realidade com aspectos do fantástico. Nesse universo ficcional, a realidade não existe fora da linguagem. Assim, colocada a realidade do que representa na mesma condição da narrativa, num jogo do negativo com o positivo – negativa com falsa hipótese –, essa representação requer o

testemunho de alguém que viu o acontecimento estranho e almeja confirmar sua verdade, provocando uma incerteza, pois no narrado não se encontra nenhuma causalidade satisfatória. Nas páginas finais do segundo volume, depois do desaparecimento de Ariel, em uma noite de tempestade, o sobrenatural é visto e confirmado pelo negro “meio lesó”, o Bastião Culote, marido de Delaura:

Que estava dormindo, mais a mulher lá dele, quando foram acordados pelo temporal, e era um deus-nos-acuda, parecia que o céu vinha abaixo. Então, na luz dos coriscos, que nem precisaram abrir janela que o ranchinho deles é uma peneira, eles viram o homem assentado perto da enghoca e o conheceram logo, porque os raios alumiam tudo quase como se fosse de dia. E ficaram espantados, imaginando coisa, quando ouviram um cachorro acuando e uma semelhança de voz de homens confabulando pras bandas de umas bananeiras que eles têm perto da cacimba. Pareciam que estavam tocaiando o capitão, pois era ele quem estava sentado no seu toco. Depois, lá pras tantas, ele descobriu que estava sendo tocaiado, gritou alguma coisa e logo vieram os tiros...

— Daí?... - quis saber Rodrigo, tenso.

— Daí, senhor patrão, que o clarão dos tiros nem tinha terminado e o homem não estava mais lá, tinha sumido no ar, a modos de fumaça... Isso, suncê veja, contado por eles, da própria boca deles, que não ponho nem tiro nada meu. E aquele Culote falou pra sinhá lá dele: ‘cruzes, parece até coisa do Demo!’

(DUARTE, 2004, vol. 2, p. 289)

A obra *As Montanhas da Lua* insere-se dentro do fantástico pelas seguintes razões: no tratamento artístico da narrativa de um tempo circular; nas saídas do presente para os variados passados históricos, nos quais atuará o personagem ou um dos seus antepassados; no emprego do sobrenatural; na procura de emoção e de insatisfação; e na união do real e do irreal, uma maneira de atrair a onipresença do além e forma de conservar a descontinuidade da vida.

Numa verossímil atitude, como aponta Borges (1983, p. 72), com “una fuerte apariencia de veracidad, capaz de producir esa espontánea suspensión de la duda [...]”, o personagem, desiludido, refugia-se no passado e comunica aos leitores que vai acolher-se nos livros: “[...] No meu desespero lembrei-me dos livros. Apesar do propósito de nunca mais lê-los, pedi socorro a Agostinho e a Kant.” (DUARTE, 2004, vol. 2, p. 140). Apoiou-se o personagem no conceito de tempo de Agostinho⁴, entendido como não possuindo qualquer realidade fora do sujeito, reflexão que esse Santo filósofo inicia na história da Filosofia e que tem seu ápice no pensamento moderno, principalmente, em Kant, que concebe o tempo e o espaço como forma subjetiva de representação.

4 | Em *Confissão*, Agostinho explica que os tempos, sucessão contínua de instantes individuais, são três: o presente dos fatos passados (memória), o presente dos fatos presentes (visão) e o presente dos fatos futuros (a espera) que existe na alma, logo, memória e espaço estão dentro do tempo.

Na busca da origem – um dos traços do homem– e na construção da saga do personagem – para fazê-la verossímil – Samuel Duarte toma como base a historicidade e o tempo, caminhando do século XV ao XX, pois a vida do homem, do personagem Ariel, tem início muito antes de seu nascimento. A esse respeito, Foucault afirma em *As palavras e as coisas*: “É sempre em relação a um fundo já começado que o homem pode pensar aquilo que vale para ele como origem” (FOUCAULT, 1988, p. 368-369).

A vida de Ariel, viajante do tempo, pode ficar inserida na temática do tempo, porque entre o historiográfico e a ficção, o real e o fantástico, ou maravilhoso, dentro de um tempo verossímil, Samuel Duarte, como Cronos, que absorve o tempo, magnificamente, rompe com o tempo e o espaço num romance épico-poético, em que o leitor acompanha a angústia de um ser solitário e percebe o grande leitor que é o criador da obra.

Por meio das dúvidas, tristezas e anseios de uma vida, Samuel Duarte rememora as crises mundiais (econômica, política e social); dá ênfase ao crescimento de Cachoeiro de Itapemirim e de alguns lugares circundantes; e mostra que a humanidade não aniquila nem sufoca a obra humana, mas a acompanha, pois a vida é uma maré constante entre o existir e a memória.

O escritor, em *As Montanhas da Lua*, prolonga o Tempo e o Espaço e vai mais além do que se crê possível e, dessa forma, consegue inserir o romance em um dos padrões da literatura fantástica.

Terminando o segundo volume, quando Ariel triste e perplexo com o desaparecimento (ou evaporação) da mulher amada, encontra-se sentado no “lugar em que dois meses atrás” havia aberto os olhos, diante da mesma paisagem (DUARTE, 2004, vol. 2 p. 283-284), o autor fecha o círculo temporal e espacial introduzido no primeiro volume:

Podem me chamar de Ariel; tempos atrás eu acrescentaria: “sem medo de errar”. Se hoje não acrescento é porque já não tenho certeza de mais nada. Nem mesmo por mais absurdo que isso possa parecer, do meu próprio nome.

Devem ser por volta das nove da noite e estou sozinho, sentado à porta da cabocla Delaura, a uns escassos vinte quilômetros de uma cidadezinha chamada São Felipe. Há um temporal se formando no quadrante sul. Eu o espero com uma certa impaciência, porque sei que com a sua chegada, irei embora. Para aonde? Eis algo que não sei. Porém desconfio que seja para essa terra sem retorno a que chama de Morte.

(DUARTE, 2004, vol. I, p.18)

Samuel Duarte, para demonstrar a força do passar do tempo, vale-se, pela boca de seus personagens, de citações de obras e de intertextualidades, que, segundo Lauren Jenny (1999, p. 6), “são todos os textos que deixam transparecer a sua relação com outros textos:

imitação, paródia, citação, montagem, plágio, etc.”, procedimentos que evidenciam o caudal de leituras do escritor e enriquecem a narrativa no jogo do insólito.

Assim, se o nome do personagem principal, Ariel, provém do de uma obra (*Tempestade*, de Shakespeare), o mesmo acontece com o título do romance, inspirado no poema *El Dorado*⁵ de Edgar Allan Poe – que o leitor encontra citado, na p. 81, do segundo volume, de *As Montanhas da Lua*, na lembrança um pouco destorcida de Ariel, e como epígrafe da obra no primeiro volume. Além disso, o percurso de vida de Ariel não deixa de se aproximar de um dos motivos desse poema, indicados nos versos da epígrafe da obra:

*Mas, como envelhecesse,
Do cavaleiro ousado
A alma ficou envolta em treva.
E, já sem energia,
Em seu último instante,
Um vulto viu, feito de treva.
Diz-me, ó sombra errante,
– implorou – onde achar eu poderia
Esse caminho que a Eldorado leva? [...]
(POE, Apud, DUARTE, 2004, vol.1, p. 7)*

5 | Gentil, faceiro,/ um cavaleiro,/ sob sol e sombreado,/ seguiu avante,/ cantarolante,/ em busca do Eldorado./ Mas o andarilho/ ficou tão velho,/ no âmago assombrado,/ por não achar/ nenhum lugar/ assim como Eldorado./ E, enfim diante/ de sombra errante,/ parou, quando esgotado/ e argüiu-lhe “onde,/ / sombra, se esconde/ a terra de Eldorado?”/ “Sobre as montanhas/ da lua e entranhas/ do Vale Mal –assombrado,/ vá com coragem”,/ disse a miragem, “se procura o Eldorado”.

pois em uma noite de tempestade, “em paz com a vida, com o mundo e (com ele mesmo, fecha) os olhos e (parte) para as Montanhas da Lua”. (DUARTE, 2003, vol. 2, p. 284)

Mas, também, a volta do passado se reflete nas epígrafes da obra, e tanto *A Tempestade* como “El Dorado” serão suportes para o desenvolvimento do teor maravilhoso temporal que percorre o livro, na metáfora do tempo, seja nos ciclones atmosféricos e pessoais que o personagem enfrenta, seja na busca de sonhos, que as palavras de Próspero, em *A Tempestade*, refletem: “[...] somos feitos de mesmo material que os sonhos e nossa curta vida acabam num sono” (SHAKESPEARE, 1988, p. 952). Mas também a volta do passado se reflete nas epígrafes da obra e se encontra no fragmento do poema “Eldorado”, de Edgar Allan Poe, e numa citação de *As Cidades e As Serras*, de Eça de Queirós, textos bem significativos para reforçar a volta ao passado e a circularidade temporal, de fortes motivos de *As Montanhas da Lua*:

Não se sabe quem vai, nem quem vem. A gente vê os corpos, mas não vê as almas que estão dentro. Há corpos de agora em almas de outrora. Na feira da Roqueirinha quem sabe com quantos reis antigos se topa quando se anda aos encontros entre vaqueiros. ” (DUARTE, vol. 2, p. 237)

O romance *As Montanhas da Lua* oscila entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular, em tempos presente e passado. Na maioria dos capítulos predomina a primeira pessoa. Com esse recurso, o protagonista faz-se presente, ele é testemunha, e o leitor vai encontrar as experiências diretas e buscas de Ariel. Mas, quando ele está ausente, a narrativa se encontra na 3ª pessoa, e o fato narrado é assinalado como realizado. Não há delimitação de fronteiras entre fictício e não fictício, elas se desenvolvem ao longo dos variados tempos e se fazem presentes na existência do ser Ariel.

Uma das características do gênero fantástico é a hesitação que o leitor sente para identificar a natureza de um acontecimento estranho, mas que ele soluciona a dúvida pela decisão de que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão. O insólito na literatura nos remete ao mágico, ao fantástico e ao maravilhoso, por ter tido o termo, nessas categorias, destaque ao longo da história literária, levando os seus leitores a mundos estranhos e a acontecimentos fora da realidade.

Em 1919, Freud (2014) estudou o tema do “estranho”, ramo do que é assustador, que provoca medo e horror. Segundo esse psicanalista, o fantástico serve para os escritores fazerem surgir as imagens do inconsciente, pois permite que de livres associações, condensação de imagens e cenas e contrassensos do tempo e do espaço, surjam criaturas, lugares e circunstâncias não próprias do nosso mundo cotidiano. E, a partir da publicação da “Interpretação dos Sonhos”, Freud vai apresentar a ideia do Inconsciente, e os conflitos intrapsíquicos ocuparão um ponto central no estudo da mente humana e seus processos, que resultarão em uma nova base para as teorias do estranho. Como resultado, surge um tipo de literatura marcado, universalmente, não só pelas obras clássicas, citadas anteriormente, como também pelos contos de fadas, que acompanham a literatura há tempos.

Exemplo do que poderia ser a afloração de imagens do inconsciente, proveniente de desejos ocultos, é a narrativa – dos cap. 48-49, vol. 2, p. 182, de *As Montanhas da Lua* – da ocorrência de algo estranho que mais parece ter surgido do desejo de reencontrar uma perda. Quando Ariel e o velho marinheiro, Red Peter, “ao cantar dos galos”, saíram para ver a lagoa – onde há muitos anos o barco deste aportara, e onde ele fora para vê-lo por três vezes e que só na primeira viu a lagoa e a embarcação que tanto amava. Tudo havia desaparecido nas outras vezes que ali fora. O mesmo aconteceu com eles quando terminaram a caminhada e no local chegaram. A lagoa não existia. Dormiram ali, ao relento. Mas pela madrugada sentiram cheiro de lama e de plantas aquáticas e viram um espetáculo prodigioso, não percebido na véspera, no ocaso: aves aquáticas voando e o barco “a modo de um tronco boiando”. Uma luz intensa delineava tudo. A lagoa, porém, “não estava banhada pela ‘nossa luz’”. Apesar de um Sol de verão despontar no horizonte e “agredir a natureza com sua luz crua, os contornos do lago e o próprio lago pareciam mergulhados em outra espécie de luz”. Segundo o narrador, a visão dividia o tempo em o de hoje e o de ontem, “era um certo ‘quê’ indefinível que lembrava o passado, que lembrava um tempo muito distante, mas que, não obstante, teimava em se

apresentar [...]”. Depois tudo foi lentamente desaparecendo aos olhos de Ariel e de Red Peter; pássaros, céu esmaecido, barco, plantas, deixando-os frustrados, enfeitiçados com o que viram.

No século XX, houve uma queda do fantástico, de uma tendência gótica do século XIX, e apareceu uma nova maneira de manifestar o insólito com conflitos existências, insatisfações sociais, em obras de Franz Kafka, Jean Paul Sartre, entre outros. Carpentier (1991) explica como surgiu a sua técnica de narrativa fantástica, no prefácio de *El reino de este mundo*, em que narra as insurreições de escravos lideradas por Mackandal e Bouckman, e a ascensão ao poder e a queda do rei Henri Christophe: “[...] la noción de lo real maravilloso me vino en 1943 en la visita a Haití.”

No fantástico, a realidade cotidiana oculta uma segunda realidade que, de uma certa maneira, não é nem misteriosa, nem transcendente, nem teológica, mas humana. Segue como exemplo a cena em que Ariel, enfrentando uma tempestade no mar, apoia-se em leituras anteriores para poder manejar o barco, e recorda-se de leituras nas quais se manifestava o maravilhoso :

Foi aí então que as minhas leituras vieram em meu socorro. Lembrei-me do velho capitão de Conrad, em Tufão, que também notou a queda brusca do barômetro, mas não entendeu nada. ‘Essa merda está com algum defeito,’ dissera. E, como eu, ele, ao ser colhido pelas garras do ciclone, também, não se lembrava das manobras recomendadas para essas eventualidades. ‘Virar essa joça pra qual lado, Senhor? Já não há mais rumo, nem bússola, nem leme! Essa banheira está se desmanchando aos poucos’... Também pensei naquele Dom Ramiro do Romancelheiro Ibérico, quando Violante lhe toma a mão gelada e lhe diz, pensando tratar-se do Bernal Francês: ‘Bravo estava o mar?’ E ele respondeu: ‘Tremendo.’ Conclui então que ia morrer bem acompanhado.

Feliz de quem tem, como craveira, como referência, essas leituras do passado. Feliz de quem pode comparar suas experiências com aquelas vividas por outros homens, em idênticas situações. E chega-se à conclusão, pelo fato mesmo de eles haverem-nas contado, de que sobreviveram a elas e que o mesmo pode se dar conosco. E, na pior das hipóteses, se nada dá certo e se a gente morre, morre então com toda a lucidez e entra pelo Outro Lado com a cabeça erguida.

Como o que ia acontecendo com Exupéry, nos anos vinte, bem perto de onde estávamos, quando pilotava um velho Breguet 14 da Latécoère, de Trelew para Comodoro Rivadavia. Ele foi acolhido por um desses ciclones e precisava de mais de duas horas para cobrir um percurso de uns doze quilômetros apenas. [...]

(DUARTE, 2004, vol. 2, p. 193).

O discurso fantástico é uma reconstrução do real e, como evocação, é um apelo. Bessière (1974, p. 13; 22) explica que o fantástico não contradiz as leis do realismo literário,

mas mostra que as leis tornam as manifestações fantásticas irrealistas quando a atualidade dá por totalmente problemática outra realidade. E, apesar de ser difícil definir uma literatura propriamente fantástica, como afirma Louis Vax, Bessière (1974, p. 13; 22.), esclarece que, por ter uma criatividade verossímil, a poética da narrativa fantástica supõe registro de dados objetivos (religião, filosofia, esoterismo, magia) e sua desconstrução.

A situação climática de raios, de trovões e de chuva envolverá a vida de Ariel, no mar ou na terra em um mundo noturno. As percepções fantásticas do tempo e do espaço, a relação entre ser ilusão ou não, o misterioso repetir de fatos e de personagens duplicados semelhantemente e, às vezes, apenas, com nomes diferentes direcionam a obra para o insólito.

O tema da tempestade, que acompanha o personagem, dá-lhe identidade histórica e identifica a paródia com a obra de Shakespeare, *Tempestade*. Mas são as constantes ações inverossímeis, indefiníveis, justapostas a contradições de diversos elementos verossímeis; as rupturas de convenções sociais; as aparições e desaparecimentos de pessoas (fantasmas), resultados de um desejo de racionalização; e as articulações temporais que podem colocar *As Montanhas da Lua* no gênero do fantástico, do insólito.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Estudo introdutório de Goffredo Telles Junior. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998, cap. 25).

BESSIÈRE, Irene. Le récit fantastique. *Poétique de l'incertain*, Paris, Larousse, 1974.

BORGES, J. Luis. *História de la eternidad*. 6. ed., Madrid: Alianza Emecé, 1984.

BORGES, J. *Discusión*. 3 ed. Madrid: Alianza Emecé, 1983.

CARPENTIER, Alejo. De lo real maravilloso americano (1948). In: KLAHN, N.; CORRAL. W. F. *Los novelistas como críticos*. 19 ed. México: Fondo de Cultura, Ediciones del Norte, 1991.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Notas de José Maria Castro Calvo. São Paulo: Victor Civita, 1981.

DUARTE, Samuel. *As Montanhas da Lua*. Cachoeiro de Itapemirim: Racal, 2004, 2. vol.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 1988.

FREUD, S. O Estranho. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/39077527/Freud-o-Estranho>> Acesso em 28 dez. 2014.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. *Poétique, Revista de teoria e análise literárias. Intertextualidades*, Coimbra: Livraria Almedina, 1999, p. 5-49.

MANUEL, Juan. De lo que aconteció a un deán de Santiago con don Illán el mágico, que moraba en Toledo. In. *El libro de Patrono e por otro nombre El conde Lucanor*. 6. ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1964, p. 60-63.

POE, Edgar Allan. El Dorado. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news_03/article.php?storyid=243>. Acesso em 10 de agosto de 2014.

SANTO AGOSTINHO. *Confissão*. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

SHAKESPEARE, W. A Tempestade. *Obra completa*. Nova versão anotada de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, vol. 2.

POTOCKI, Jan. Manuscrito encontrado en Zaragoza. Disponível em: <<http://www.arte.unicen.edu.ar/literaturayteatro/JAN%20POTOCKI-Manuscrito-Encontrado-En-Zaragoza.pdf>>. Acesso 10 de agosto de 2014.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VAX, Louis. *L'art et la littérature fantastiques*. Paris: Universitaires de France, 1963.